

REDACÇÃO DA «VERDADE»  
ESPOZENSE

# A Verdade

PRDRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE.

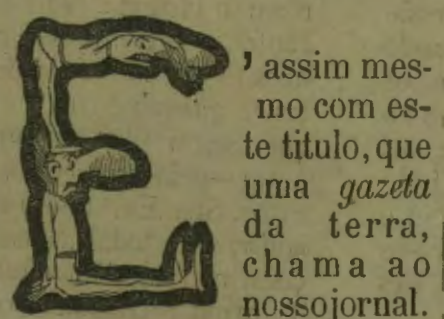
Composto e impresso na Typ. Espozendense—Espozende.

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 23  
ANO I  
18  
Abril  
1920

A virtude não é tal-  
vez senão a cultura da  
alma.  
Balsa.

## A "Verdade", trauliteira



Assim mes-  
mo com es-  
te titulo, que  
uma gazeta  
da terra,  
chama a o  
nosso jornal.

Mos ainda assim a espe-  
rar mais cordura, mais  
senso e mais verdade de  
quem quer que seja, que  
pega numa pena e escre-  
ve nos jornais.

O jornal, por si, não  
diz nada e isso parece ser  
um bom prenuncio de si-  
sudez que, embora tardia-  
mente, lá entrou em casa.  
Mas—o tal horror das res-  
ponsabilidades!— arran-  
jou uma hipotética *Colabo-  
ração alheia*, que é mais  
uma prova flagrante de  
que as afirmações ali fei-  
tas, por aquele processo,  
não as perfilha o jornal,  
naturalmente porque as  
sabe infundadas e menos  
verdadeiras.

Se assim foi, damos  
então a mão á palmatoria  
e reconhecemos as boas  
intencões.

Mas P. C., o da *Cola-  
boração alheia*, depois de  
dizer que nós, para des-  
prestigiar S. Ex.<sup>a</sup>—o Snr.  
Governador,—lhe não re-  
conhecemos os altos feitos,  
e faz afirmações extraordi-  
narias a proposito e a  
desproposito de tudo o  
que se passou em Fão,  
naquele dia de fuzilaria e  
faca de ponta-e-mola.

Para o insigne P. C.  
quem deu tiros, quem es-  
faqueou, quem provocou,  
foram os nossos, foram os  
da *Verdade!*...

Está-se mesmo a vér:  
o préstito a pôr-se em  
marcha, a caminho do ce-  
mitério e os amigos da fa-  
milia enojada, a abrir as  
navalhas e aperrar as pis-  
tolas em vez de brandões  
de cera...

Foram acaso os nos-  
sos,—os da *Verdade*—  
quem invadiu indelicada e  
grosseiramente o domicí-  
lio do sur. Carlos d'Oli-  
veira, para fazer ao páro-  
co que acompanhava o fé-  
retro, a estulta intimativa  
de tirar a estola?

Foram os da *Verdade*,  
quem prepararam a pro-  
vocação?

Por certo, também,  
quem *arranjou*, para aque-  
le dia, a morte da indito-  
sa senhora. Foram eles ain-  
da—os marotos da *Verda-  
de*, quem se fez com o ad-  
ministrador e a guarda—  
um para se raspar antes  
do enterro para Espozen-  
de, e outra para ir em *ur-  
gente serviço* a Fontebca?

Estes tratantes da *Verda-  
de* são de facto uns gran-  
des criminosos.

Agora mansos como  
cordeiros, pacatos como an-  
jos, são os amigalhões do  
P. C., da *Colaboração A-*

lheia & C.<sup>a</sup>.

Esses sim: nem deram  
tiros nem facadas: aquilo  
foi um *mare magnum* de a-  
braços e beijinhos.  
Tadinhos...

ESPOSENDALÉRIAS

Fão decididamente quer ficar  
com o nome na historia,—mas  
com um nome cheio de amolga-  
duras, entrelaçado de facas e pis-  
tolas—um nome ensanguentado,  
como tem o Bairro Alto ou a  
Mouraria.

Como acontece naqueles  
tristes ruelas da capital, vai sen-  
do perigoso para a gente pacifica  
e ordeira, atravessar Fão sem  
levar o credo na boca e o dedo no  
gatilho.

É claro que dizer isto, não é  
chamar desordeiro ou bandido ao  
Povo de Fão, que é na sua gran-  
de maioria honesto, e trabalha-  
dor, como poucos, de bons sen-  
timentos e extrema delicadeza,  
como não ha muitos.

Não. Quem quer cre-  
na linda terra de Fão esse labeu de  
faquista, é um grupelho insigni-  
ficante de anónimos, que, por lá  
militarem num partido politico  
eivado de espirito de seita, que-  
rem também exteriorisar a  
sua bilis ostensivamente e mos-  
trar as nulidades que são, em  
toda a parte.

Ora quer-me parecer que esta  
*coterie* de baixos desordeiros,  
que não tem quem os aplauda, a  
não ser os da manada, não deve  
tripudiar com a sua maldade so-  
bre uma laboriosa população,  
que precisa de descanso e dis-  
pensa os salsifrés dos grulhas  
desemfreados.

vi.mento espalhafatoso.

De lugar em lugar, de eirado  
em eirado, de casa em casa, o  
povo, segue a cruz, que o cam-  
panulario anuncia a toques ar-  
gentinos. Pelos atalhos, por en-  
tre as hervaçagens, ha correrias  
de gente, que se apressa em che-  
gar. A mocidade jovial, sempre  
alegre, folga namora, permuta  
entre si os folares.

José Dosguimarães, o Zé-Val-  
ente é o mais abastado lavrador  
da aldeia. A sua casa é ponto o-  
brigatório de descanso no dia de  
páscoa para os do Compasso.

Por isso quando os agudos e  
festivos sons da campainha se  
ouvem na eira do velho lavrador,  
já ele vem da adega com um bo-  
judo pichel de vinho na mão.  
E, quando a crúz cheiron, lá es-  
tava já, coberto por alva toalha  
de linho, sobre a carcomida me-  
za de castanho o pichél do vinho,

que vem dar... as boas festas... á  
gent... desta casa, alleluia... al-  
leluia...

E repetia-se esta melopeia  
invariavelmente enquanto trou-  
vesse quem beijasse a cruz.

Mas eis que chega o senhor  
abade com o seu roquete de al-  
vas rendas, sobre o qual brilha-  
va dourada estólá. Traz na cabe-  
ça o seu barrete de trez bicos:  
parece San-Lourenço...

—Boas festas! boas festas! Al-  
leluia!... alleluia... alleluia. Boas  
festas José Valente: para ti e pa-  
ra os teus. Prasa a Deus que de  
hoje a um ano...

—Vossoria me torne a dizer  
o mesmo!—atalhou risonho o la-  
vrador.

... ..

E José Valente apresentou-  
lhe uma cadeira de espaldar  
que já seu visavó havia conhe-  
cido na casa; velha sim, mas de  
arqueologico merecimento tam-

bem.

O abade sempre gracioso  
sentou-se; e os da comitiva  
fizeram outro tanto, enquanto o  
visita lo descobria os pichéis do  
verdasco e esfriava uma fresca  
rosca de pão de ló das de seis  
arrateis.

—Que ótima pinga ó José! E'  
isso que te faz essas côres...  
Côres? Fazças do sór abá-  
de. Côres da velhice... Vossor-  
ia sim. Essas ainda são côres da  
mocidade. Vossemeccó parece  
uma maçon do San-João. Rosa-  
do como um menino. E gordo  
que...  
O lavrador queria ver to lo o  
mundo a comer e beber:  
—O' Enis? bota vinho a essa  
gente? Bah! Esse moléte é pra  
se comer. Oviriste, ó vós?  
—Não se incommo te ti'Zé.  
—O' Zé Lourenço! ó Luís Pi-  
res? Tendes vergonha? Comei ra-  
pazes. Babei...

### FOLHETIM DOMINGO DE PASCOA

(Continuação)

Está um esplendido abril! O  
sol doura as iriadas gotinhas de  
orvalho pendentes das sébes flo-  
ridas, beija manso e de leve aque-  
le campo vestido do roxo dos  
pampilos, estrelado do branco  
das margaças, e ourado com o  
amarelo infindável dos malme-  
queres.

Pelos beirais de terras ver-  
duras, orchestra a passarada o  
seu hino do despertar das seivas.  
Ha em toda a natureza, co-  
mo que espalhado pelo ar, a no-  
ta viva dos grandes regosijos—a  
alma de Pan a abraçar tudo, a  
comunicar alegria aos homens,  
ás áves e ás coisas.

Pela aldeia fora vai um mo-

o copo de vinho por onde havia  
de beber o senhor abade, e o de  
lonça por onde babiam os ou-  
tros, a travessa dos doces, o bá-  
te de pão de ló e os biscoutos  
de moléte... com que o abade e  
sua comitiva haviam de refocilar  
as forças para continuar a visita  
do Senhor.

Entra o campanulario e, após  
elle, o cruceferario de ópa ver-  
melha e lenço enrolado na cabe-  
ça, á laia de turbante mourisco,  
prevenção contra o ardor do sol.  
Começa o beija-crús pelos  
donos da casa. E ao mesmo tem-  
po que dá a crúz a beijar, o mor-  
domo vai dizendo a meia voz:  
*Aqui entra...*

E segue-se uma pequena pu-  
sa motivada pela demóra de pas-  
sagem da crúz da boca de um,  
para a boca doutro.

—Nosso Senhor...  
Segue-se igual pausa.  
—Crucificado... ressuscitado...

CARAPUÇAS

Gemem os prelos da beira  
Ao aparecer «A Verdade».  
Mata, esfola, é trauliteira,  
E que viva a liberdade.

Houve p'ra ahí um sacrista,  
Petulante e gathofeiro,  
Que nos chamou *bolchevista*,  
Ora o patife, o bregelro!...

Isto não passa, que praga,  
Nem sequer lembra a ninguém  
Que o Arcebispo de Braga  
Em nós, mandasse tambem.

Velo depois um dentista  
Que empregou o seu tópicor:  
—Uza de faca, o *fadista*  
Contra o *jornal microscopico*.

E os varlos escritores,  
D'aqueles de ponta e mola:  
—E' o jornal dos doutores,  
Preelsam levar na tóla.

Em algures, algum dia,  
Já alguem lhe prugntou,  
Quem é que os conhece?  
Ninguem d'isso se lembrou.

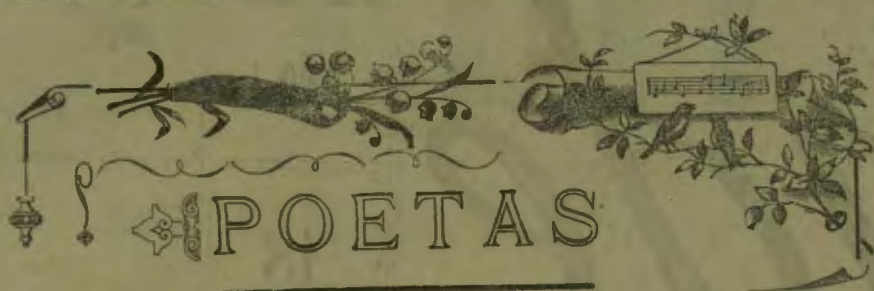
Vão vivendo, vão gosando  
Ninguem lhe estorva o caminho.  
Na terra vamos passando  
Sem invejar o visinho.

E' bem modesto o programa  
A cumprir, pela Verdade:  
Nem pr honras, nem quer fama,  
Quer p'ra...  
Verdade.  
Nada.

Como não podia deixar de  
ser os provocadores julgaram-se  
provocados e inverteram os ter-  
mos da equação.

Eles, coitadinhos, são as vi-  
timas, os provocados, os ofen-  
didos; os nossos amigos, que  
iam pacificamente assistir a uma  
cerimonia fúnebre, os traulitei-  
ros, os provocadores, os que to-





POETAS

Arvores velhas

Olha estas arvores, mais bellas  
Do que as arvores moças—mais amigas.  
Tanto mais bellas quanto mais antigas,  
Vencedoras da Edade e das procelas.

O homem, a fera e o insecto á sombra d'ellas  
Vivem, livres de fomes e fadigas,  
E em seus galhos abrigam-se as canções  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigos, a mocidade!  
Envelheçamos rindo, envelheçamos  
Como as arvores fortes envelhecem.

Na gloria da alegria e da bondade,  
Agasalhando os passaros nos ramos,  
Dando a sombra e consolo aos que padecem.

Olavo Bilac.

mavam a ofensiva...

Sempre por esta forma se a-  
cobertalhou a cobardia e só de  
estranhar seria que assim não a-  
contecesse.

Não é esta cronica o lugar  
próprio para a análise do caso.  
Neste jornal outros dos seus re-  
dactores escarpelizarão á luz da  
critica a verdade—coisa, afinal,  
que já no n.º passado principi-  
ou a fazer-se.

Tirem depois os leitores as  
ilacões.

Ruben.

Espozende

Quem ha por esse Portugal  
fora que conheça bem a nossa  
vila e concelho em todas as suas  
belezas naturaes, em tudo quan-  
to de util n'ele se pôde aprovei-  
tar? Muito pouca gente está nas  
condições de responder acerta-  
damente a esta pergunta.

No proprio concelho os seus

—Ah ti'Zé! Não trabalhare-  
remos nós; mas comer... co-  
me-se.

—O abade metteu tambem a  
sua colherada:

—A minha gente, José, é to-  
da biqueira. Não é assim rapazes?

—Eu cá pelo menos... —  
pricipiou um.

E' verdade—chasqueou o pa-  
dre—aqui o João de Lagoinhas,  
pouco tem bebido. Meio atmu-  
de pouco mais ou menos...

Risada geral.

—O Luis Pires, outro biquei-  
ro. Esse nem meio almude be-  
beu. E a respeito de moléte e  
óvos tingidos?

—Já lhe perdi a conta sôr  
abade—respondeu o interpelado.

A palestra continuava assim  
cortada de ditos picarescos, on-  
de, de quando em quando, o pa-  
dre José Ponce intercalava uma  
sentença latina, um adagio po-  
pular, ou uma frése classica.

habitantes com os olhos acostu-  
mados sempre á mesma paisagem,  
não a apreciam, como muitas  
vezes não apreciamos a beleza  
d'uma pessoa de familia que to-  
dos os dias vemos e beijamos.

Os de fóra com raras excep-  
ções, mal nos conhecem pelo re-  
lampagante olhar lançado  
num automovel que vertiginosa-  
mente atravessa as estradas  
do nosso concelho.

No entanto temos condi-  
ções naturaes para atrair e prender  
o mais exigente em esteti-  
ca regionalista.

A situação da vila de Espo-  
zende é privilegiada. Sita na  
margem direita do rio Cavado,  
que mantem nos seus dois pri-  
meiros kilometros a direcção nor-  
te a sul, com um longo mas re-  
lativamente estreito cabedelo d'  
areia a separar o rio do mar, a  
vila tem em volta pelo lado de  
terra uma extensa ária mata-  
da de pinhaes, terrenos cultiva-  
dos e mais ao largo o casario  
branco dos logares da freguezia  
das Marinhas, como querendo  
subir as encostas dos montes

Meia hora depois os eleitos, o  
cruciferario e os restantes maio-  
raes, procedidos do abade saiam  
o portal da moradia de José  
Valente, e seguiram o itinerario  
do costume, repetindo-se sem-  
pre idêntica scena, desde a casa  
do mais abastado lavrador até  
á ultima choupana da aldeia.

E por toda a parte, de en-  
volta com os aromas inebriantes  
das flores e o aspecto suave-  
mente poetico da festa, campeia  
a alegria e a fraternidade—os  
dois característicos mais proe-  
minentes da vila simples dos  
nossos aldeões.

Oh! o dia de pascoa na al-  
deia!...

FIM.

Manoel Boaventura.

EDUARDO MOTTA  
ADVOGADO  
Rua 15 de Agosto

que, alongando-se para o norte  
em direcção a Viana, tão agra-  
davelmente nos fecham pelo  
poente o horisonte que para os  
lados de Fão se estende sobre o  
amontoado de grandes predios,  
dando a impressão d'uma cida-  
de, com o fundo verde-negro  
dos montes de Laundos.

Quem der a volta ao con-  
celho, por toda a parte encontra  
lindos pontos de vista e locais  
convidativos para uma visita.

Na linha da costa, come-  
çando pelo sul, apparece a po-  
pulosa e pitoresca praia de ba-  
nhos d'Apulia, onde o bom gosto  
de meia duzia de familias procura  
anualmente o seu rendez-vous  
estival, longe do progresso  
tantas vezes incomodo dos  
grandes centros. A seguir sur-  
gem as praias de Fão e Espo-  
zende, esplendidas e extensas,  
sem perigo de especie alguma,  
onde uma creança pôde tomar ba-  
nho sósinha. A praia de S. Bar-  
tholomeu do Mar ao norte das  
antecedentes, já hoje frequenta-  
da por bastantes banhistas, é lin-  
da na sua paisagem, onde a mon-  
tanha quasi insensivelmente se  
succede á povoação e ao mar.

Limita o concelho pelo nor-  
te o rio Neiva, incontestavelmen-  
te um dos pequenos rios mais  
interessantes do paiz.

Logo a pequena distancia do  
mar, estreito, ora correndo entre  
verdes sineiras, ora entre es-  
carpadas vertentes, lança-se sob  
pontes de pedra e madei-  
ra, galga pitorescos açudes, ac-  
cionando no seu trajecto azenhas  
e engenhos de serrar.

Continuando a volta ao con-  
celho e transpondo a parte mais  
alta de S. Paio d'Antas, d'onde  
se disfructam vistas variadas e  
longas, chega-se á graciosa e  
fresca freguezia de Forjães, cujo  
centro é occupado pelo lindo pa-  
rque e palacete do Ex.º Sr.  
Rodrigues de Faria, dignos de  
serem visitados pelo bom gos-  
to que presidiu á sua construc-  
ção e pela linda disposição em  
que tudo se encontra. De For-  
jães a Vila-chã a estrada con-  
duz-nos a um alto que nivela  
com os cumes das montanhas  
que correm paralelamente á cos-  
ta, até terminarem ao sul no pi-  
co do Faro, d'onde se admira a  
vista soberba e extensa de toda  
a região, entre Viana e Pova e  
todo o interior até ao Bom Je-  
sus do Monte.

As restantes freguezias do  
concelho todas em terreno mais  
ou menos acidentado, com var-  
riedades de cultura e lindos as-  
petos, não destoam do conjun-  
to que torna o nosso concelho  
um dos mais belos do paiz,  
embora dos mais desconhecidos.

Ora é por esta terra que não  
é a da promissão, mas que al-  
guma cousa de prometedora em  
si encerra, que todos devemos  
trabalhar, impulsionando o seu  
desenvolvimento, fazendo-lhe o  
devido reclame para que seja  
vista com olhos de vér, aprecia-  
da como é de justiça e atendi-  
da como merece.

DR. HENRIQUE DE B. LIMA  
MEDICO  
RESIDENCIA E CONSULTORIO:  
RUA DA BOAVISTA (A EGREJA)  
FÃO

SUA EX.

Ainda que não mereça res-  
posta, em face da boa fé com  
que—P. C.—se refere á Verdade  
e comenta os sucessos da sema-  
na tragica de Fão, como uma  
resposta se dá a toda a gente,  
vamos dizer-lhe o que pensa-  
mos, não ligando importancia,  
de futuro, a quaisquer informa-  
ções que possam vir inseridas  
em qualquer parte, mesmo que  
seja em semanarios cá da ter-  
ra.

Dito isto, sorvamos uma pi-  
tada, (á jisuíta) para aliviar o  
espírito, e vamos ao caso.

Realmente a Verdade tem si-  
do **muito injusta** quando  
não se curvou reverente ante os  
grandes melhoramentos feitos no  
concelho de Espozende, por sua  
Ex.ª o Sr. Governador Civil.

Quem os desconhece? Só o  
Zé Arau é que os vê, e vê-os  
com os pés... De resto eles  
estão patentes ao publico.

Sua Ex.ª, entre outros me-  
lhoramentos, tem os que a se-  
guir enumeramos, que lhe ser-  
vem de corôa de gloria.

a) a demissão, por *desafeta ao*  
*regime* da corporação legal-  
mente eleita para gerir a con-  
fraria do Bom Jesus de Fão.

Entre os demittidos ha  
creaturas que tem prestado  
muito mais serviços á Re-  
publica Portuguesa, do que  
sua Ex.ª. Houve quem se  
batesse, por ela arrostando  
com os perigos do clima e  
os riscos da guerra. Sua  
Ex.ª apenas se bateu a for-

jar complots, e isso é sabi-  
do como foi. Não precisa  
mais comentarios. Mas, co-  
mo não vão á missa, no car-  
ro de sua Ex.ª, fóra que são  
talassas.

Depois digam que sua  
Ex.ª não fez nada!!!

b) a escolha, para governar a  
primeira freguezia do con-  
celho, d'uma creatura abso-  
lutamente destituída de qua-  
lidades para desempenhar  
qualquer cargo, menos um  
—o de sacerdote de Baccho.

c) O consentimento de que di-  
rijam o Hospital de Fão e a  
confraria do Bom Jesus com-  
missões da confiança de sua  
Ex.ª, quando é fato e é ver  
que sejam eleitos—uma e  
outra—pelos respectivos ir-  
mãos. Sua Ex.ª como tem a  
maioria em todas as associa-  
ções, não se dá ao trabalho  
de mandar consultar os ir-  
mãos.

E' pena porque dava logar  
a nova fita, preparada a tem-  
po, bem ensaiada, em que os  
seus illustres amigos e corre-  
ligionarios te iam de se fazer  
valer de pistola em punho pa-  
ra que os *celebres trauliteiros*  
não ficassem senhores da si-  
tuação, o que representa um  
grave perigo para a Repu-  
blica... democratica.

Só assim, sua Ex.ª se  
convenceria de que tinha ou  
não, em Fão,—a tão decan-  
tada maioria!

(Continúa)

UM ENTERRO O QUE FIZERAM OS DA "VERDADE,?"

Foi em terras de Bolinho...  
E o enterro é d'um anjinho.

Sua alma immaculada  
Já não faz está jornada;  
Stá no seio do Senhor,  
Não é pois caso de dor.

Talvez, por isso, que o paé  
Após o filhinho váo...

A deante váo o padre,  
Pelos modos, seu campadre.

Entrado este já era  
No meio da Igreja, espera

E os meninos do caixão  
Quedos á porta lnda estão:

«E nos vedado por lei,  
Meus pés dentro não porei.»

E firmes n'esta attitude,  
Não ha ninguem que os mude.

Nobre exemplo d'ousadia  
Em tempos de cobardia!

O paé abafa no pelto  
Uma onda de despeito

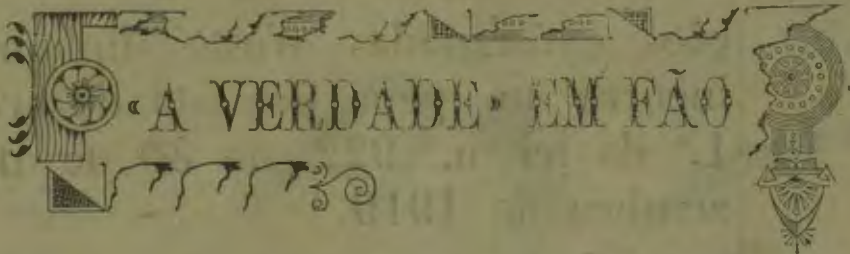
E, pra livrar d'embarações,  
Toma o filhinho nos braços.

Igreja acima el-lo ahl váo  
Com um filho morto...

Pode crer, leitor amigo,  
E' verdade o que lhe digo.

N.





**CRONICA FANDANGA**

E' muito engraçado o que se vem passando em Fão, com o P.<sup>e</sup> Luiz Azevedo e os seus amigos e defensores. Se tudo isto não é uma chuchadeira mútua, é então um misterio que ninguém saberá desvendar...

Ora vejamos. Contra o P.<sup>e</sup> Luiz correu um processo ecclesiastico, para a sua remoção de paroco de Fão; os seus amigos, chamados a depôr não poderam, não souberam ou não quizeram defendê-lo convenientemente e desfazer as graves acusações, que contra elle se provaram.

Por essa razão foi dada a sentença de exoneração e o P.<sup>e</sup> Luiz foi removido judicialmente, sendo a sentença confirmada nos tribunaes para onde appealou. Sendo-lhe intimada a sua exoneração, o P.<sup>e</sup> Luiz, como padre catolico, obdeceu e retirou-se, indo residir para a sua casa de Curvos. Só merece por isso os nossos louvores.

Aparecem porém, depois, os seus amigos e principiam a protestar que não entra em Fão outro pároco, que não entregam as chaves, que o único pároco que reconhecem é o P.<sup>e</sup> Luiz, etc etc...

Principiamos a não comprehender. Se estes snrs. são os unicos que nomeiam e reconhecem párocos, porque não vão buscar o P.<sup>e</sup> Luiz?

Porque o deixaram ir? Porque não ficou em Fão, o P.<sup>e</sup> Luiz? Foi por querer proceder como padre catolico? Mas então com o seu procedimento está censurando os seus amigos, que não cumprem como catolicos! Quem tem razão, elle ou os seus amigos? Quem procede bem? Não haverá misterio?

Mas ha mais e melhor. Os membros da meza do Bom Jesus querem um padre para dizer lá a missa; todos são partidarios intransigentes a favor do P.<sup>e</sup> Luiz; pois, apesar disso, estando elle com licença para celebrar e podendo satisfazer a vontade dos seus amigos, não se presta a esse papel, e obriga-os assim a chamarem um padre suspenso d'ordens. Porque não foi o P.<sup>e</sup> Luiz? Porque entendeu que, como padre catolico, não devia ir? Mas isto é uma reprehensão ao procedimento do padre que lá foi e aos seus amigos, que estão a seu lado.

O P.<sup>e</sup> Luiz não foi simplesmente porque não quiz? Como se justificam os seus defensores na sua incomprehensivel intransigencia?

O P.<sup>e</sup> Luiz não foi porque não está para aturar as maçadas dos outros? Mas que cara têm então os amigos que continuam ao seu lado?

Não ha misterio? Então ha parvoice; ou será tudo junto? ... Ainda mais.

Os amigos do P.<sup>e</sup> Luiz, arrelhiados com a sua ausencia intransigente, vão a Curvos e obrigam-no a vir dizer missa, em Fão. Elle vem, vê todas aquellas lagrimas de alegria e não se comove, foge de novo para Curvos; e, apesar de ter toda a liberdade de vir dizer missa a Fão, e até de residir aqui, entre os seus fieis servidores, procede de modo contrario, dizendo-lhes adeus, lá de longe. Que coração duro! Pois apesar disto os amigos continuam ao seu lado, servindo-o com uma dedicação inexcelsível.

Que lealdade! Mas as contradicções continuam, vel-o-hemos.

Os roubos continuam, sem nunca apparecerem os seus autores. Lembrem-se da série que aqui temos apresentado, sem que até hoje fosse descoberto um larapio, para amostra.

Durante a semana foram roubados os snrs. Antonio Villachã Pinheiro, José Borda e Albino Torres.

Ao snr. Firmino R. Coutinho arrombaram a sua casa, ao Ramalhão, fazendo um valioso roubo em roupas e a sr.<sup>a</sup> Maria Fraca ainda tentaram arrombar uma porta, mas presentidos, fugiram.

Inté parece que os larapios se vão reproduzindo, não é verdade? ...

De visita a sua familia, vimos aqui no passado domingo, o nosso estimado amigo snr. Avelino Faria, habil farmaceutico da Pova de Varzim.

De passagem estiveram aqui os snrs. Capitão F. Villachã e alferes Costa.

Esteve ante-hontem de visita ao nosso presado assignante snr. J. J. Soares Estanislau, os nossos amigos sr. J. Peixoto e Abade de Tregosa.

Regressou a Braga, o snr. P.<sup>e</sup> Job Teixeira, que entre nós passou as ferias da Pascoa.

Retira brevemente para o Brazil o nosso amigo snr. Antonio P. Assunção Carneiro. Boa viagem.

Fallecimento—Falleceu a sr.<sup>a</sup> Leopoldina G. Moraes, na 2.<sup>a</sup> feira passada.

Paz á sua alma.

No domingo e 2.<sup>a</sup> feira passada realisou-se uma imitação das antigas festas do Bom Jesus. Forasteiros muito poucos, mas houve chuva e... péras.

**UMA ELITE DE SAPATEIROS**

No dia dois do corrente, foi o mestre Samaritana quem commandou o ataque, a fogo, aos seus patricios de Fão.

Em Belinho, no enterro de João Pereira Lima, foi o sapateiro Gangão, quem por um seu patricio se recusar a entrar na igreja, o esbofeteou.

E' caso para dizer: Deus os fez, Deus os juntou.

Siga a bicha! ... Não ha por ahi outro valente que se queira pôr em evidencia?

**TESTEMUNHO INSUSPEITO**

Um dia destes, um amigo muito chegado ao snr. abade de Belinho, quando outro amigo comentava o caso de uma familia das Marinhas, que tem dois padres na familia, não ter recebido o abade na visita Pascal, disse: fizeram muito bem; como padres catolicos não o podiam receber, apesar das relações pessoais que os ligam.

O testemunho é tão insuspeito que é de um bispo.

**MELHORAMENTOS**

Num semanario que se publica nesta villa vem a encrespada accusação de desconhecermos os beneficios que a boa terra de Espozende deve ao snr. dr. Fonseca Lima actual governador civil do districto. Atiram-nos a feia ingratião ás faces, clamando: —Quaes os beneficios que lhe devemos? Mas todos, todos os melhoramentos que existem em Espozende...

Ora que o confrade lamentavelmente esqueceu—perdê a impertinencia—foi estampar o rol dos abençoados melhoramentos, que por ahi topámos a cada canto devido ao mesmo Ex.<sup>mo</sup> Senhor. Pois descançe por esta vez. Vamos nós em curtas linhas patentear-los ao publico não só para admiração de vindoiros justicieros, mas para nos penitenciar-mos da negra falta cometida.

São elles: Uma bella *doca* aterrada, arvorizada com um lindo mercado moderno, mas no meio um *buraco* com agua—tão grande, tão grande, que parece até tem crescido a olhos vistos.

Uma rede de *distribuição de aguas* hygienicas, completa, modelar, mas aguas de uma dorida *retenção* forçada nos tanques do Bouro.

—Um *cadeia*, que os nossos *hermanos* com razão nos invejam como *carcel-modelo*, e que lá continua na mesma esquina erguendo-se soberba artistica e... fedorenta.

Podemos ainda citar as varias avenidas deste pequenino burgo e que tanto o aformoséam: a de *Goios* que continua o mesmo lovalgal imundo; a do *Hospital*, que é o mesmo mar de areia.

Ha outras obras que por mais pequenas não deixam de attestar alto patriotismo, como sejam o lindo terreiro da frente do Municipio e os portões de pau que

ha vinte annos tapam as entradas da nossa Escola Primaria official...

Ab! Não é só affirmar, affirmar sem escrupulos.

E' bom tambem de vez em quando engulir a *Verdade*, embora cause engulhos.

Melhoramentos de Espozende!

Melhoramentos *reus*,—que se podem apalpar, e que são a lóia desta linda villa e do seu progresso,—olhei temos dois: uma Assembleia de que S. Ex.<sup>a</sup> nem sequer é socio e um Hospital—um monumento—onde S. Ex.<sup>a</sup> nunca poz os pés.

O melhor remunerador do organismo é a

**CALCINA TRIPLICE**

As pessoas fracas, com tendencia para a tuberculose e com emagrecimento progressivo devem tomar a

*Calcina Triplice com Archenal*

As pessoas anemicas e as creanças filhas de paes anemicos, sobretudo as que vivem em climas quentes, devem tomar a

*Calcina Triplice com Ferro Organico*

As creanças lymphaticas, palidas, desenvolvendo-se muito vagarosamente adquirem a côr rosada natural e a robustez normal, tomando a cada refeição, uma a duas colheres das de chá de

*Calcina Triplice com Iodo Organico*

Revizor consulta detalhada ao

**LABORATORIO «SANITAS»**

Travessa do Carmo, 1. 1.<sup>o</sup>

LISBOA

**DAS ALDEIAS**

**FORJÃES 16**

Devido á tabela existente estão quasi esgotados os generos de primeira necessidade, sendo já raro encontrar-se arroz; e azeite, nas mercearias d'esta freguezia. Os seus proprietarios não os conseguem senão pela tabela que é o arroz a 680 e o azeite a 900 rs. Se tem que vender pelo mesmo, quem paga os direitos e os transportes?

No logar da Madorra, faleceu o snr. Manuel Valle, que durante alguns annos exerceu o cargo de coveiro do cemiterio d'esta parochia. Que descançe em paz!

Realizou-se na passada 4.<sup>a</sup> feira, no posto do R. Civil d'esta freguezia, o casamento do nosso amigo, Serafim Gomes de Amorim, com a Sr.<sup>a</sup> Maria Gonçalves de Miranda, de S. Paio d'Antas.

Lembramos á digna direcção d'este semanario a conveniencia que ha em que o mesmo se publique aos sabados, pois talvez aqui, e bem assim nas outras aldeias, contasse mais assignantes. Porque assim sò ás segundas e muitas vezes ás terças-feiras é que se recebe aqui. E sendo como lembramos, recebe-se ao domingo, que é o dia em que se vai ao correio procurar a correspondencia da semana, e por ser o dia em que o lavrador tem mais um bocado de vagar.

Podem fazer-se um tratamento racional da

**FRAQUEZA GENITAL**  
sem haver o menor perigo para o organismo, empregando o processo ophthorapico, por meio do extracto testicular.

OS

**GAZES DO ESTOMAGO E DOS INTES-TINOS**  
desapparecem, tomando no meio de cada refeição, um a dois comprimidos de

**Carvão «SANITAS»**

Enviar 500 milhas, guardando-se o maximo sigillo ao

**LABORATORIO «SANITAS»**  
Travessa do Carmo, 1. 1.<sup>o</sup>  
LISBOA

**ANNUNCIOS**

Objectos de ouro, prata e platina, compram ao ao melhor preço

**BRANDÃO & C.<sup>a</sup>**  
(Agencia de Espozende)

**Comarca de Espozende**

**EDITOS de TRINTA DIAS**

1.<sup>a</sup> publicação

**D**or este juizo e cartorio do terceiro officio e no inventario orfanologico por obito de Rosa da Costa, que foi da freguezia das Marinhas, correm editos de trinta dias, citando os herdeiros Manoel Alves Ribeiro Junior e Daniel Marques Fino, ausentes em parte incerta no Brazil.

Espozende 15 de março de 1920.

O *Escrivão* interino do 3.<sup>o</sup> officio,  
João Evaristo de Moraes Rocha.

Verifiquei a exactidão.  
O Juiz de Direito,  
Silvestre Cardoso

**OBESIDADE**  
desapparece, em premio para o organismo, fazendo um tratamento racional pela

**THYROIDINA ACTIV**  
de que se devem tomar 2 comprimidos a cada refeição.

V. Ex.<sup>a</sup> faz mal as suas digestões? Fica depois das refeições com o estomago cheio e com afrontamentos? Pois tome uma a duas colheres, das de chá, de

**SANITAS**  
Travessa do Carmo, 1. 1.<sup>o</sup>  
LISBOA

As **dores de cabeça** e os excessos de gripe desapparecem tomando um ou dois comprimidos de

**Cephaleina Sanitas**

As **tosses**, por mais rebeldes que sejam, desapparecem completamente tomando por dia 3 a 5 comprimidos de

**TOSSINA SANITAS**

«Laboratorio Sanitas»  
Largo do Carmo, 1. 1.<sup>o</sup>  
LISBOA



# EDITAL

José d'Abreu, administrador do concelho d'Espozende:

Faz saber que por decreto n.º 6.513, de 5 do corrente, foi estabelecida a seguinte tabela de preços de venda, para os generos alimenticios e productos destinados ao consumo publico.

Designação dos productos	Para venda ao público a retalho		Para venda por grosso ao retalhista pelo armazenista		Para a venda na origem	
	Preços	Quantidades	Preços	Quantidades	Preços	Quantidades
Arroz nacional branqueado	\$68	Quilogr.	\$65	Quilog.	\$62	Quilog.
Arroz nacional rajado (da terra)	\$64	"	\$61	"	\$58	"
Arroz estrangeiro Sião	\$88	"	\$84	"	-	-
Arroz estrangeiro Saigon						
Arroz estrangeiro Rangon						
Arroz estrangeiro Beeldock (valenciano O)						
Azeite com mais de um grau de acidez						
Batata	\$90	Litro	\$80	Litro	\$70	Litro
Café em grão, cru	\$24	Quilog.	\$20	Quilog.	\$18	Quilog.
Café em grão, torrado	\$40	"	\$38	"	\$30	"
Café moído puro	\$40	"	\$25	"	\$10	"
Feijão grado	\$50	"	\$35	"	\$20	"
Feijão miúdo	\$30	Litro	\$27	Litro	\$24	Litro
Feijão branco indiano	\$26	"	\$23	"	\$21	"
Grão	\$16	"	\$14	"	-	"
Gravauço	\$30	"	\$27	"	\$24	Litro
Milho nacional	\$34	"	\$31	"	-	"
	\$20	"	\$17	"	\$15	Litro
Farinha de milho nacional	\$15	"	\$14	"	-	"
	\$30	Quilog.	\$28	Quilog.	-	"
Farinha em rama de trigo nacional	\$26	"	\$24	"	-	"
Farinha espoada de 1.ª qualidade	\$50	"	\$48	"	-	"
Sêneas	\$14	"	\$12	"	-	"
Carvão vegetal	\$09	"	\$07	"	\$05	Quilog.

Mais faz saber que a tabela do preço do assucar será n'este concelho a seguinte:

- 1.ª qualidade, kilo . . . . . \$72
- 2.ª qualidade, kilo . . . . . \$62

Quando porventura o productor, armasenista, depositario, detentor ou retalhista vender generos tabelados por preços superiores aos aqui fixados, deverão os compradores apresentar queixa n'esta administração indicando testemunhas, para se proceder contra os infratores, de conformidade com o que a lei determina.

(Do Decreto n.º 6.546)

Art.º 1.º Ficam desde já postas á disposição do Governo, pelo Ministerio da agricultura, todas as quantidades d'arroz, azeite, batata, café, feijão, grão, milho nacional e carvão vegetal, existentes em armazens, depositos ou qualquer outros logares, onde habitualmente se não faça a venda a retalho, dentro do continente da Republica Portuguesa.

§ 1.º Os detentores dos generos existentes nas condições d'este artigo ficam considerados como fiéis depositarios dos referidos productos, não podendo dispor d'elles a não sêr por ordem do Govern.º ou seus agentes, devendo no entanto continuar a abastecer os mercados locais, sujeitando-se aos preços das tabelas fixados pelo Ministro da agricultura ou seus agentes.

§ 2.º O fornecedor (productor, armazenista, depositario ou detentor) dos generos destinados aos abastecimentos locais, é obrigado a comunicar diariamente, em Lisboa ao Ministerio d'agricultura, no Porto á Delegação de Subsistencias do Norte, e nas outras regiões ás autoridades administrativas ou comissões de subsistencias, a quantidade, natureza e preço dos generos fornecidos, indicando os nomes e moradas dos retalhistas a quem esses generos foram vendidos.

Art. 10.º Todo aquele que sonegar, ou por qualquer forma descaminhar os generos mencionados no art. 1.º deste decreto, ou que não dê cumprimento ás requisições do Governo, por intermedio do Ministro da Agricultura, ou dos seus agentes, e ainda o que procure iludir quaesquer das disposi-

ções consignadas n'este diploma, incorre na pena prevista do art.º 1.º da lei n.º 922, de 30 de dezembro de 1919.

(Do Decreto n.º 6513)

Art.º 1.º § 2.º Os preços na origem fixados na tabela acima para os generos alimenticios—excepto café—referem-se á aquisição feita directamente ao productor, detentor ou armazenista na origem.

§ 6.º O preço de 1\$30 para o azeite fixado no art.º 3: do Decreto 6.457 é extensivo ao azeite de um grau d'acidez.

§ 7.º O preço das sêneas na provincia será de 15 centavos o kilo, para venda ao publico.

Art.º 4.º As mercadorias tabeladas poderão transitar de um para outro concelho, desde que a repartição competente assim o auctrise tendo-se porem sempre em vista o abastecimento geral do pais.

Para constar se afixou o presente e outros de teor igual n'esta vila e nas freguesias do Concelho, nos logares do costume.

Espozende, 12 de Abril de 1920.

O Administrador do Concelho,

JOSÉ D'ABREU

Comarca d'Espozende  
**EDITOS de TRINTA DIAS**  
1.ª publicação

**P**OR este juizo e cartorio do terceiro officio e no inventario por obito de Manoel Gonçalves Patrão, que foi da freguezia das Marinhas, correm editos de trinta dias, citando os herdeiros Manoel Gonçalves Patrão, José da Costa Lima e Domingos Gonçalves Patrão, ausentes em parte incerta no Brazil.

Espozende, 25 de março de 1920.

O escrivão interino do terceiro officio,  
João Evaristo de Moraes Rocha.

Verifiquei.

O Juiz de direito  
Silvestre Cardoso.

**TRADIÇÕES POPULARES,**  
**VOCABULARIO E TOPONYMI**

DA  
**GUARDA**

por  
A. Gomes Leitão

Professor do Liceo Central do Porto

1 volume de 50 paginas

PREÇO 300 REIS

A venda na Livraria e Typographia  
Espozendense—Rua Veiga Beirão, 7 a 9  
—ESPOZENDE.

**Assignatura**

Por anno, em Espozende . . . . . 1\$200

Para fóra . . . . . 1\$350

Brazil . . . . . 2.500

ANNUNCIOS

Cada Linha . . . . . 8